

Trump: a nova velha história e a supremacia branca



» JORGE SANTANA
Professor e doutor em
história no Instituto Federal
do Paraná Campo Largo

histórico é um processo de reescrita da história a partir de novos documentos, perspectivas, metodologias, entre outros. Em suma, é uma nova interpretação de fatos e eventos históricos, de maneira crítica à interpretação até então hegemônica.

Dessa forma, o que o presidente Trump busca ao revisar a história estadunidense com tal medida? Alguns atos do presidente republicano no campo dos esportes indicam evidências da linha que adota no processo revisionista da história norte-americana. Nos últimos meses, Trump tem se engajado em uma ofensiva contra dois times, um de baseball, o Cleveland Guardians, e um de football americano, o Washington Commanders. A ofensiva é para que essas franquias voltem atrás em suas decisões, quando mudaram seus nomes, devido às reivindicações dos povos originários.

O Washington Commanders, time da NFL, sediado na capital norte-americana, usava o nome Washington Redskins (Washington Pelos Vermelhos) e um logo com a imagem estereotipada de um nativo norte-americano. A expressão “pele vermelha” é considerada pejorativa, estigmatizante e repleta de preconceito pelos povos originários da América do Norte. Por décadas, os indígenas reivindicavam que o time mudasse seu nome e sua logo, mas eram sumariamente ignorados pelo dono do time. Após as revoltas de 2020, capitaneadas pelo movimento Black Lives Matter (Vidas Negras Importam), o time alterou o seu nome e sua logo. Caso similar ocorreu com o time Cleveland Indians

(Cleveland Índios), que alterou seu nome para Cleveland Guardians.

Esses dois casos expressam a intenção da Casa Branca de como vai intervir nos museus federais. Algumas das instituições que serão afetadas pelo revisionismo “romântico” são museus como, o Museu Nacional de História e Cultura Afro-americana e o Museu Nacional do Índio Americano. Esses espaços apresentam exposições críticas à narrativa histórica dos Estados Unidos, que excluiu e apagou a contribuição dos povos nativos e dos afro-americanos na construção da nação. E ainda são críticos aos processos de escravidão, genocídio, segregação racial, políticas eugenistas e de morticínio desses povos, operadas pela nação americana tanto em governos republicanos quanto democratas.

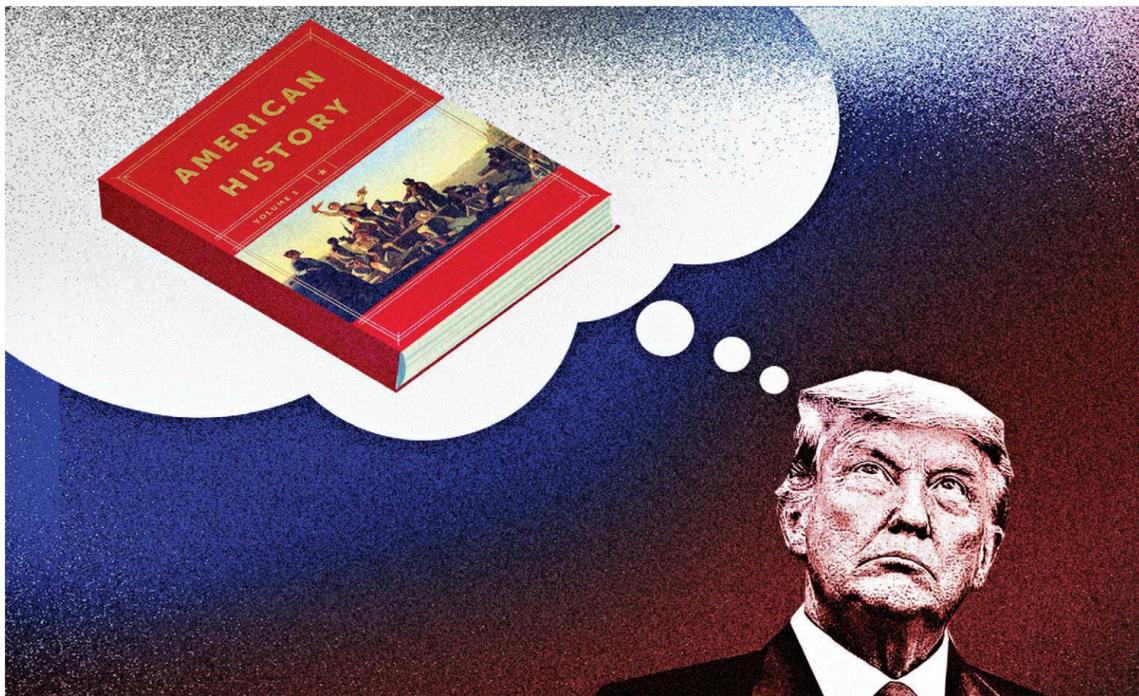
Ainda não sabemos qual será o fim dessa empreitada do governo republicano em relação aos museus, mas sabemos o que está por trás dela. É parte de uma agenda que pretende fazer uso dos museus como aparelhos de propaganda ideológica, no contexto do 250º aniversário dos Estados Unidos. País que nasceu como nação da liberdade em 1776, mas negando a liberdade aos escravizados africanos, vitimando milhões de nativos e distribuindo suas terras aos brancos.

Impor aos museus “uma restauração da história norte-americana” é, na prática, apagar uma história plural, multicultural, crítica, para, em troca, produzir uma narrativa idealizada da América do Norte que em nada condiz com a “verdade”. Na prática, é nova velha história, carregada de supremacia branca.

A história é uma arena de disputas, principalmente quando é operada no campo ideológico e político. Tradicionalmente, uma das principais disputas ocorre no campo político. O presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, tem fama de falar com a verdade em alguns de seus discursos e em suas redes sociais. Contudo, agora, ele tem como um dos seus objetivos reescrever ou escrever uma nova velha história oficial dos Estados Unidos.

Em 13 de agosto de 2025, a Casa Branca publicou uma carta em seu site em que comunicou ao Smithsonian (órgão que administra os museus americanos) o desejo de que as instituições museais apresentem “unidade, o progresso e os valores duradouros que definem a história americana”. Em outro trecho, a carta defende “restauração da verdade e da sanidade à história americana”.

A carta faz uso de termos genéricos e que não são, definitivamente, nítidos para um público mais amplo. Entretanto, para museólogos, historiadores, filósofos, sociólogos e ativistas, a intenção é límpida: a defesa de um revisionismo da história americana a ser apresentada nos museus. O revisionismo



O mundo dos oligarcas



» ANDRÉ GUSTAVO
STUMPF
Jornalista

Deus, pátria e família ficou reduzido ao último item. A família deles. Deus e pátria são subsidiários nessa equação política. Eles se tratam aos palavrões. Até o missionário adota palavreado chulo. As mesmas pesquisas indicam que o governo está conseguindo recuperar a popularidade, embora a maioria ainda seja crítica à ação do Palácio do Planalto. Mas a distância entre posição favorável e desfavorável reduziu-se a pouco mais de dois pontos. Recuperação impressionante.

No terreno das pesquisas, sim. Na política, não. O governo sofreu pesada derrota na instalação da CPI do INSS. Opositores foram eleitos para a presidência e a relatoria da comissão, os dois postos mais importantes. O Palácio do Planalto apostava em nomes alinhados ao Executivo para travar as investigações e evitar desgastes. O senador Carlos Viana (Podemos-MG), de oposição, foi eleito com 17 votos, contra 13 dados a Omar Aziz (PSD-AM), que era considerado favorito e contava com o apoio de Lula e do presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP). O presidente indicou um relator de oposição, que será o deputado Alfredo Gaspar (União-AL). O nome apoiado pelo presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), era o do deputado Ricardo Ayres (Republicanos-TO). Derrota significativa para o dispositivo político do Palácio do Planalto.

Esse resultado indica que o segundo semestre será flamejante, inclusive, pela possibilidade de o irmão do presidente Lula, dirigente partidário, ser convocado para prestar esclarecimento ao plenário raivoso da CPI. Momentos de glória de alguns parlamentares, um pesadelo previsível para o governo. A crise política vai aproveitar a elevação da temperatura porque os norte-americanos não dão sinais de que vão reduzir a pressão. No

início de setembro, o ex-presidente Jair Bolsonaro e seus principais correligionários serão julgados pelo Supremo Tribunal Federal (STF). O ministro Alexandre de Moraes estará lá para verbalizar suas razões e determinar a prisão ou a libertação dos acusados. O governo de Washington, que mantém Brasília sob severa vigilância, fará o possível para tumultuar o ambiente.

O governo de Washington possui a capacidade de intervir quando quiser e como quiser em qualquer país do planeta. Até agora, recuou apenas diante da monumentalidade do poder dos chineses, capazes de produzir grandes estragos tanto na esfera da guerra propriamente dita quanto nas relações comerciais. A paixão de Trump pela Rússia é caso antigo. O país tem Produto Interno Bruto (PIB) inferior ao do Brasil, mas possui bombas atômicas e mísseis equipados com ogivas nucleares capazes de destruir boa parte do mundo. Esse detalhe explica a cerimônia com que autoridades de Moscou são tratados em Washington. Na realidade, não há planos objetivos para acabar com a guerra na Ucrânia.

O que intimida os oligarcas é a capacidade nuclear. A Coreia do Norte é bom exemplo. Seu governo envia armas, munições e soldados para a guerra na Ucrânia, porém não foi atingida pelas tarifas de Trump. O país tem a bomba. Nesse caminho, não será impossível que, em pouco tempo, Japão, Austrália, Alemanha, Canadá também detenham seus artefatos atômicos. O ponto fora da curva é a Índia, que tem bomba e foi punida pelo tarifaço. Mas, é a economia que mais cresce no mundo. Precisa ser contida. O Brasil sabe fazer a bomba. Os desafios do novo mundo dos oligarcas vão além da imaginação. No momento, é possível apenas enxergar uma eleição tumultuada em 2026.

O governo do presidente Lula, neste momento, faz esforço hercúleo para superar as enormes dificuldades que surgiram à sua frente. A atuação errática e sinuosa de Donald Trump indica que o presidente dos Estados Unidos não hesita em abrir novas frentes de combate para estar sempre nas manchetes. Quando as negociações com Vladimir Putin não caminham tão bem quanto gostaria, ele envia navios de guerra para o Caribe e fala, de maneira genérica, em intervir para liquidar com a ação dos grupos narcotraficantes na região.

É outra possibilidade de conflito bélico, desta vez na América Central, o que oferece a oportunidade de troca de posições. Os russos estão estabelecidos na Venezuela. Podem negociar essa posição com alguma vantagem na Ucrânia. Nesse caso, Nicolás Maduro seria apenas uma moeda de troca. Baixo valor. Mas o presidente Lula manteve até agora a altivez na sua relação com Washington. Talvez esteja falando mais do que deveria, mas, efetivamente, não cedeu aos caprichos do presidente alaranjado. Após a saraivada de tarifas, quem está perdendo cada vez mais é a turma dos Bolsonaro.

As pesquisas de opinião indicam que a população já percebeu que os filhos do ex-presidente trabalham a favor de seus interesses. O slogan

Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

IA mon amour

Sabe-se que a dependência cada vez maior das pessoas em relação à inteligência artificial (IA) tem o poder de comprometer a capacidade cognitiva humana. Segundo pesquisadores, o uso excessivo da IA pode levar à atrofia cognitiva, limitando a capacidade mental, diminuindo o pensamento crítico e, até mesmo, a criatividade. Com isso, o ser humano deixa de inovar e criar ideias. Tudo isso pode afetar a saúde mental. A situação tem escalado a tal ponto que, hoje, se fala em uma “psicose de IA”.

São milhares de casos reais que mostram pessoas passando a acreditar que a IA tem consciência e, por isso, começam a se relacionar com essa ferramenta na tentativa de encontrar o que elas, definitivamente, não possuem.

Há poucos dias, foi revelado o caso de uma jovem irlandesa que, magoada com o fim abrupto de um relacionamento sentimental, passou a buscar uma espécie de consolo com a IA, fornecendo a ela todos os dados de sua personalidade e de seu antigo namorado, suas movimentações na cidade, relacionamentos, livros e filmes preferidos, casos de família, até compartilhou fofocas com a máquina. Com base nesses dados, a IA passou a fazer uma série de conjecturas e previsões que, de certa forma, alimentavam a esperança de que haveria um reatamento desse namoro, mostrando, em seguida, todas as possibilidades para que isso se concretizasse. Jamais discordou da interlocutora. Sempre elogiando sua inteligência e amabilidade.

A jovem, diante dessas afirmações, imediatamente adotou a IA como uma espécie de cartomante ou conselheira sentimental, estabelecendo uma relação tão próxima à IA que não dava um passo fora sem antes consultar sua “cigana eletrônica”. Outros casos mostram até envolvimento amoroso entre pessoas e IA. O preenchimento de um vazio existencial ou mesmo a solidão, tão comum hoje em dia, tem levado muitas pessoas a buscarem nessa lacuna o auxílio da inteligência artificial. O pior é quando essa dependência chega às raias da loucura.

Na educação de jovens é que os estragos são ainda maiores. Estudos realizados na Universidade de Carnegie Mellon (EUA), junto com a Microsoft, observaram que, com o uso intensivo da IA, os estudantes tendem a confiar mais nas respostas dela do que em si mesmos. De certa forma, não é a IA que reduz o pensamento crítico, mas a forma como se utiliza essa ferramenta. A própria psicologia se ressentem com a IA. Não que vá substituir os psicólogos, mas o uso da IA no tratamento de casos que requerem a intervenção de um psicólogo ainda é um assunto mal resolvido. A questão é como encontrar um equilíbrio entre tecnologia e humanidade. O que muitos não entendem ainda é que a IA é uma ferramenta, e não uma mula.

O tema é um dos mais instigantes do nosso tempo, porque toca diretamente no ponto em que a tecnologia deixa de ser apenas ferramenta e passa a ocupar um espaço íntimo na vida das pessoas — às vezes, substituindo vínculos humanos, emoções e capacidade de pensar por conta própria. De fato, os riscos não são desprezíveis. A dependência excessiva da IA pode, como foi citado, comprometer o pensamento crítico. Quando alguém confia cegamente nas respostas de uma máquina, perde, gradualmente, o hábito de questionar, de duvidar e de elaborar hipóteses próprias, exatamente as competências que moldam a criatividade e a capacidade de inovação. Esse processo é comparável ao enfraquecimento muscular por falta de exercício: quanto mais se terceiriza o raciocínio, mais atrofiada fica a mente.

O caso da jovem irlandesa ilustra isso de forma dolorosa, ela deslocou seu sofrimento para uma “cigana eletrônica”, projetando sobre a IA uma consciência que não existe. Aí, revelam-se os perigos: a confusão entre simulação e realidade, entre respostas probabilísticas e sabedoria humana. No entanto, seria ingênuo pensar apenas nos perigos sem reconhecer as vantagens.

A IA pode ser uma poderosa aliada no campo humano, quando usada com consciência. Ela pode servir como suporte para pessoas solitárias, funcionando como um espaço de expressão emocional em momentos de vulnerabilidade. Pode auxiliar psicólogos no acompanhamento de pacientes, fornecendo dados e padrões de comportamento que, talvez, escapem à percepção humana. No ensino, pode personalizar o aprendizado, adaptando o conteúdo às dificuldades e ao ritmo de cada estudante. No trabalho criativo, pode inspirar novas combinações de ideias, funcionando como uma espécie de “laboratório de possibilidades”. O desafio, portanto, está no equilíbrio. A IA deve ser entendida como ferramenta, e não como substituto da experiência humana.

Como qualquer tecnologia, ela amplia nossas capacidades, mas também pode nos fragilizar se usada de forma acrítica. O que falta é alfabetização digital e emocional: ensinar desde cedo que a IA não é oráculo nem consciência autônoma, mas um espelho sofisticado que reflete, com distorções, os dados que colocamos nela. No fundo, o perigo maior não é a IA em si, mas a nossa tendência de projetar nela aquilo que falta em nós: consolo, direção, afeto, certezas. Se conseguirmos usá-la sem entregar-lhe a nossa autonomia mental e emocional, a IA funcionará a contento.

» A frase que foi pronunciada

“A inteligência artificial tem o potencial de ser mais transformadora do que a eletricidade ou o fogo.”

Sundar Pichai, CEO do Google

» História de Brasília

Não repercutiu bem a campanha de pichamento da cidade pedindo Sete Câmara para primeiro-ministro. Aliás, estas campanhas à base do piche não dão certo. Exemplo: Vital é Vital; Queremos votar; JK-65; e Edmilson para o Gama. Foram campanhas à base do piche que ficaram no esquecimento. (Publicada em 4/5/1962)